

# Quem és tu?



editora scipione

**Marcelo Cipis**

## Manual do Professor

A literatura pode ser definida como uma forma de expressão artística cujo instrumental é a linguagem verbal. Como tal, a leitura de um texto literário é não somente um mecanismo excelente para a aprendizagem da língua – no caso em questão, da língua portuguesa –, mas também uma forma de acesso a conhecimentos culturais variados. Por simular situações do mundo real, o texto literário permite ao leitor entrar em contato com inúmeras experiências e vivenciar vários tipos de sensação (empatia, alegria, tristeza, medo, raiva...), sendo também um espaço de criação de universos fantásticos, possibilitando ao leitor exercitar a imaginação.

Portanto, a leitura literária configura-se como uma atividade que proporciona muitos ganhos, particularmente às crianças e aos jovens: é fonte ampla de conhecimento; induz ao pensamento reflexivo e crítico sobre o mundo que os rodeia e, em consequência, à reflexão sobre eles mesmos, como um caminho para o autoconhecimento; é um meio eficaz para ampliar as competências de letramento dos leitores iniciantes e suas habilidades de comunicação; e pode, ainda, ser um instrumental eficaz para introduzir questões essenciais à construção da cidadania, como as noções de empatia, respeito à diversidade e responsabilidade social.

No entanto, para que o aluno possa tirar o máximo proveito da leitura de um livro, é preciso não apenas que saiba decodificar o texto escrito, mas também que compreenda verdadeiramente o que lê, que saiba interpretar o texto, fazer relações com outros textos já lidos (ou vistos, ouvidos, etc.) e com a própria vivência. Ou seja, é preciso ser um leitor proficiente. A formação desse leitor crítico certamente passa pela escola e pela mediação essencial do professor.

O primeiro papel do professor como mediador de leitura é motivar a leitura/escuta dos livros, auxiliando na escolha de obras adequadas à competência leitora dos alunos, as quais abordem temas que provoquem a curiosidade, além de estimular o interesse pelo texto antes e durante a leitura. Para atingir a meta de criar leitores autônomos, perfeitamente capazes de realizar uma boa leitura individual e silenciosa dos livros, é importante não descartar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a leitura oral em sala de aula, em que o professor conduza de modo atraente a leitura do texto, incentive a observação das ilustrações, capturando a atenção dos alunos e convidando-os à participação com questionamentos e inferências. O mediador ainda deve apontar caminhos possíveis para a interpretação do texto sem, contudo, inibir os alunos de explorarem as múltiplas possibilidades de significado do texto literário, fazendo uso dos conhecimentos e das experiências prévias que possuem. Após a leitura, o professor pode ampliar a experiência leitora dos alunos propiciando várias atividades,

individuais e coletivas, que mobilizem contextos comunicativos diferenciados e gêneros textuais diversificados.

Em **Quem és tu?**, Marcelo Cipis, autor e ilustrador do livro, propõe-se a um diálogo com o leitor sobre aparências e julgamentos. De modo despretenso, o narrador – em primeira pessoa – vai conversando com o leitor sobre as suposições que ele faz ao observar as pessoas ao seu redor: “Quem é ele? E ela? O que fazem? Onde moram? De que gostam?” (p. 4). O inusitado da imaginação do narrador – como supor um casal de bailarinos que tem a mesma geladeira há quarenta anos, gosta de dançar na cozinha e fazer vitaminas no liquidificador – gera um texto leve e engraçado, cujo sentido vai se complementando com as ilustrações, num processo dialógico entre o verbal e o visual.

Desse modo, o livro é um “prato cheio” para trabalhar a leitura de imagens com os alunos, discutindo com humor a questão dos prejulgamentos, que levam sempre a equívocos e impedem que se conheçam verdadeiramente as pessoas. E ao levantar hipóteses sobre quem são as personagens, suas atividades e gostos, entre outras coisas, a história estimula-os a pensarem na própria identidade, naquilo de que gostam, abrindo espaço para o autoconhecimento, que pode ser explorado nos debates sobre o livro.

De modo geral, espera-se contribuir para o desenvolvimento da habilidade EF02LP26 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – Educação é a base. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018. p. 109.

## ANTES DE LER O LIVRO

Formado em arquitetura pela FAU-USP, Marcelo Cipis nunca exerceu a profissão em que se graduou, dedicando-se à ilustração de revistas, jornais e livros desde 1977. Além disso, ele é artista plástico, tendo participado, entre outras exposições, da 21ª Bienal Internacional de São Paulo, com a instalação “Cipis Transworld, Art, Industry & Commerce”, depois doada ao MAC-USP. O pintor, autor, desenhista e ilustrador recebeu o Prêmio Jabuti duas vezes por suas ilustrações.

Em sua obra **Quem és tu?**, Marcelo Cipis introduz uma novidade no formato da narrativa. Não se trata mais de uma estrutura arquetípica de conto, com situação inicial, complicação, desdobramentos e desfecho. Tem-se agora um narrador mais próximo de um cronista do que de um contador de histórias, uma vez que o propósito do autor é apresentar a própria perspectiva sobre alguma questão do comportamento humano – no caso, a predisposição que todos temos para fazer julgamentos prévios uns dos outros –, conduzindo o leitor a refletir junto com ele.

Para tanto, vamos acompanhando as observações do narrador a respeito das personagens que ele vai apresentando e cujos nomes e histórias tenta “adivinhar”. Após cada suposição, o leitor lidará com uma quebra de expectativa, uma vez que o narrador apresenta, na sequência, a verdadeira identidade da personagem. Por exemplo, o rapaz sentado no ônibus, a quem ele chama de Agildo e supõe que seja um bailarino, é, na verdade, Olívio, um limpador de vidraças que trabalha num prédio na “avenida das Girafas” e “um grande observador da vida alheia” (p. 8).

Assim, com uma narrativa leve em que a ilustração é essencial para completar o sentido do texto verbal, o narrador vai mostrando ao leitor a veracidade de um antigo ditado popular – “as aparências enganam” –, que adverte a respeito de julgamentos feitos à primeira vista, os quais, na maioria dos casos, costumam ser equivocados e preconceituosos. Esse aprendizado, se encaminhado favoravelmente pelo professor, pode auxiliar os alunos nos relacionamentos interpessoais que venham a ter, também podendo ser o gatilho para um diálogo sobre preconceitos e estereótipos.

Vale sublinhar que o autor constrói o texto de modo que a colaboração do leitor em suas “suposições” seja solicitada, como se nota no trecho: “Quem é essa moça sentada no parque com seu cachorrinho? Tentemos adivinhar...” (p. 10). A primeira pessoa do plural inclui o leitor na brincadeira de adivinhação, e a narrativa torna-se um *game* colaborativo entre narrador e leitor. Explore esse aspecto textual com os alunos, estimulando-os a criarem as próprias suposições sobre as personagens após a leitura e interpretação coletiva da obra.

Como já foi dito, as ilustrações estabelecem uma relação de cooperação com a narrativa, criando-se assim um texto híbrido, em que os aspectos verbal e visual são fundamentais para o processo de leitura e interpretação – as imagens descritivas auxiliam o leitor a compreender o que se passa na mente do narrador quando este imagina a vida de cada personagem; e as cores fortes e vibrantes parecem tornar mais atraente para os alunos a leitura do livro.

Por isso **Quem és tu?** é, antes de tudo, um livro de imagens. Nele, as ilustrações feitas pelo próprio autor apresentam a sequência dos fatos narrados.

As ilustrações divertidas, a linguagem direta, o tema do autoconhecimento e a percepção do outro caracterizam o livro como adequado para o estudo com alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Fica claro, ao longo da narrativa, que os temas deste livro são Família, amigos e escola – pois o narrador, ao analisar perfis e histórias de outros personagens, constrói percepções e se questiona sobre o outro – e Descoberta de si – já que, ao final, o narrador descobre o próprio autor, Marcelo Cipis.

## Motivação para a leitura/escuta

Antes de iniciar a leitura propriamente dita, é importante esquadrihar com os alunos a capa e os paratextos do livro, aspectos estes da materialidade que interferem na apropriação da obra pelo leitor. Inicie essa exploração pela capa – **Quem és tu?** tem uma capa minimalista: o busto de um homem cujas feições (testa, olhos, nariz, boca) não podemos distinguir porque estão encobertas por faixas, nas quais o título do livro está escrito. Ajude os alunos a notarem esse aspecto da imagem, levando-os a elaborarem hipóteses sobre isso: “Por que vocês acham que a ilustração foi composta dessa forma?”. Leve-os a estabelecerem uma analogia entre o título do livro e a ilustração.

Em relação ao título, é importante estimular os alunos a analisá-lo. Espera-se que eles percebam que se trata de uma pergunta dirigida à segunda pessoa do singular: tu. Dialogue com eles com o intuito de que notem que a pergunta se direciona a quem toma o livro em mãos e se propõe a lê-lo, ou seja, o autor faz a pergunta diretamente ao leitor sobre quem ele (leitor) é. Em seguida, discuta com eles as dimensões dessa pergunta:

- “Quando se pergunta a uma pessoa quem ela é, o que se espera que ela responda?”
- “Como vocês responderiam a essa pergunta? Falariam o nome de vocês? Diriam como é a família de vocês? Falariam sobre o que vocês fazem, do que gostam?”

Instigue os alunos a participar da conversa. As respostas são pessoais e o diálogo pode continuar após a leitura do livro.

Feita a observação da capa, levo os alunos a analisarem a quarta capa. Talvez alguns deles percebam que os traços que não podem ser distinguidos na face ilustrada na capa aparecem na quarta capa. Leve-os a refletirem sobre esse diálogo entre capa e quarta capa com os seguintes questionamentos:

- “Por que vocês acham que a ilustração da capa foi elaborada dessa forma?”
- “Considerando as ilustrações da capa e da quarta capa, de que assunto vocês acham que esse livro trata?”

Em seguida, pergunte aos alunos quem é o autor da obra. Espera-se que eles consigam responder assertivamente a essa questão, gatilho para a leitura do posfácio – a biografia do autor. Leia com eles a biografia e faça comentários sobre esse texto, objetivando levar a turma à percepção de que o autor também é o ilustrador do livro, hipótese esta que será confirmada após a leitura da obra.

O momento pode ser aproveitado para tratar da questão do gênero biografia, apontando, por exemplo, o tipo de informação comumente apresentada por ele. Incentive os alunos a pesquisarem mais sobre o autor, até mesmo para conhecerem outras obras que ele tenha escrito e/ou ilustrado.

## DURANTE A LEITURA

É possível conduzir a leitura da obra de várias maneiras: pode-se proceder à leitura oral, enquanto os alunos acompanham nos respectivos livros, ou realizar a leitura individual silenciosa. No primeiro caso, procure ler com uma entonação que estimule o interesse da turma, considerando ainda que o narrador se propõe, nessa história, a um bate-papo com os leitores.

Ao ler, procure enfatizar o aspecto dialógico entre texto e imagem. Por exemplo, sempre que surge uma personagem, o narrador direciona o olhar do leitor para a ilustração: “[...] quem é esse rapaz sentado no ônibus?” (p. 4). O momento da enunciação aponta diretamente para a figura do rapaz, na página ao lado. Essa questão deve ser retomada durante as discussões após a leitura, ocasião em que é possível explorar um pouco mais os detalhes das ilustrações com os alunos, deixando-os esboçarem comentários a esse respeito. Estimule-os a pensar sobre os personagens apresentados e a construção da narrativa, conforme preconiza a habilidade EF01LP26 da BNCC:

Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – Educação é a base. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018. p. 109.

Se houver dúvida sobre o significado de algum termo, é interessante auxiliar os alunos na dedução do sentido tomando como base o próprio contexto e, sobretudo, a observação das ilustrações, que podem ajudar a esclarecê-lo. Por exemplo: quando surge a personagem levantando os halteres na academia, é possível que alguns alunos tenham dúvidas a respeito do que significa a palavra “halteres”; no entanto, ao verificarem a ilustração ao lado do texto, eles notarão que se trata de pesos que as pessoas costumam levantar para ganhar força muscular. Tal treinamento de inferências e suposições contribui para o estímulo a uma das competências gerais da BNCC:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – Educação é a base. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018. p. 9.

## DEPOIS DA LEITURA

### O texto e o contexto

Procure, após a leitura, incentivar as inferências dos alunos a respeito do que leram/ouviram. Questione-os sobre as hipóteses formuladas, fazendo-os compreender que os elementos explícitos no texto precisam ajudar a confirmar uma hipótese para que ela seja válida. Retome com eles os pressupostos levantados antes da leitura, procurando analisar quais suposições se confirmam e quais elementos presentes no texto auxiliam na validação delas.

Dialogue com os alunos sobre a história, estimulando-os a que falem a respeito do que compreenderam da obra. Algumas perguntas podem contribuir na condução da conversa:

- “Sobre o que o narrador se propõe a falar com os leitores no início da história?”
- “As personagens são conhecidas do narrador?”
- “Quem o narrador supõe que seja o rapaz no ônibus? E quem, na verdade, ele é?”
- “E a moça sentada na praça com o cachorrinho, quem é ela na opinião do narrador? A hipótese dele estava certa?”

Seria interessante retomar com os alunos cada uma das hipóteses do narrador sobre as personagens apresentadas, perguntando-lhes se elas se confirmaram ou não. Espera-se que os alunos notem que nenhuma das suposições que o narrador faz foi acertada. Seria importante fazê-los refletir sobre a razão de isso acontecer, de modo que possam concluir que as hipóteses não se confirmaram porque são fruto de um prejulgamento, ou seja, de deduções feitas sem que o narrador conhecesse as personagens. Tal avaliação pode introduzir a discussão da turma sobre julgar alguém com base somente nas aparências e estereótipos e sobre como essa atitude costuma levar a equívocos. Incentive-os a participarem da discussão, levando-os a apresentarem exemplos pessoais.

Outro aspecto interessante a ser explorado com os alunos são as características das personagens realçadas pelo narrador. Além do nome, espera-se que os leitores percebam que ele costuma apresentar a profissão delas e, em alguns casos, também seus gostos. Por exemplo: a moça sentada no parque tem um pequeno comércio e, pelo visto, gosta de animais, pois seu cãozinho está sempre com ela. Estimule os alunos a falarem sobre as profissões que aparecem no livro. Pergunte-lhes: “O que vocês sabem a respeito das profissões que aparecem no livro?”.

Esse diálogo pode dar início a uma pesquisa mais detalhada sobre profissões.

A discussão a respeito das profissões também pode ser um mote para que os alu-

nos falem a respeito daquilo que desejam ser, profissionalmente, quando forem adultos. Retome com eles a cena em que o narrador indaga sobre o menino, sentado na primeira fila da sala de aula, com o braço levantado (p. 16 e 17). Na imaginação do autor, o sonho do garoto é ser “astronauta”. Tendo a cena como ponto de partida, pergunte aos alunos: “E vocês, sonham em ser o quê?”.

Além de incentivar os alunos a falarem das profissões por eles almeçadas, explore o conhecimento que têm a respeito das profissões escolhidas. Por exemplo, se algum aluno disser que quer ser ator, pergunte-lhe: “E o que faz um ator? Como você imagina que seja o dia a dia desse profissional?”. O diálogo será mais produtivo se, após as hipóteses de cada um, forem feitas observações práticas da profissão debatida com o intuito de levá-los à reflexão sobre as pressuposições que têm.

Retome a caracterização que o narrador faz das personagens, sublinhando, desta vez, os “gostos” e questões da vida pessoal delas. Por exemplo: Agildo, que na verdade se chama Olívio, gosta de *jazz* e também de observar a vida alheia; ele é pai de Jorge – o garoto com o braço levantado na sala de aula –, que, por sua vez, é um grande colecionador de miniaturas de trens de metrô de todo o mundo. Com base nessas observações das personagens, estimule-os a falarem sobre os próprios gostos e as características mais marcantes deles. Além de o diálogo induzir à autorreflexão e à percepção de si mesmo, pode auxiliar, com a devida intervenção do professor, no processo de valorização e respeito às diferenças.

## Interpretação do texto

Outro aspecto fundamental no processo de interpretação de um texto é a análise de sua estrutura. É importante ressaltar para os alunos que esta não é uma narrativa de estrutura tradicional – com situação inicial, conflito e desfecho –, mas sim um texto em que o narrador, em primeira pessoa, se propõe a compartilhar com o leitor as próprias reflexões a respeito de personagens que ele observa no cotidiano – aparentemente sem nenhum critério além da curiosidade que elas instigam.

Incentive-os a apontarem elementos do texto que indiquem que se trata de um narrador em primeira pessoa. Retome com eles o início do texto: “Fico por aí me perguntando, quem é ele? E ela? O que fazem? Onde moram? De que gostam? Por exemplo, quem é esse rapaz sentado no ônibus? Vou tentando adivinhar...” (p. 4). Espera-se que os alunos notem que o uso de verbos na primeira pessoa – fico, vou –, além do pronome “me”, aponta o tipo de narrador mencionado. Além disso, resalte-lhes que se trata de um narrador que apresenta aos leitores uma perspectiva subjetiva a respeito das personagens. Liste com os alunos quais são as personagens do livro: o rapaz do ônibus (Olívio), a moça com o cachorrinho no parque (Rose), o menino na sala de aula (Jorge), o panda do escritório (Nelson), a halterofilista (Lilian) e ele mesmo, o narrador, que se identifica como o autor e ilustrador do livro, Marcelo Cipis.

É importante frisar aos leitores que autor e narrador são papéis diferentes e que, embora haja a identificação nesse caso, nem sempre a voz que narra pode ser confundida com a voz autoral. O autor é a pessoa “de carne e osso” que compõe a história; já o narrador é um elemento da narrativa, pode até ser de um gênero diferente do autor, ou seja, o narrador é inventado pelo autor.

Auxilie os alunos a perceberem a dinâmica de construção da narrativa: para cada personagem, o narrador apresenta uma suposição sobre quem seria a pessoa; na sequência, sua hipótese é rejeitada e a verdade a respeito da personagem é esclarecida. Essa dinâmica “pressuposição/negação da pressuposição” só é quebrada ao final da

história, quando o narrador apresenta a si próprio. Relacione isso com o que foi discutido anteriormente, sobre “as aparências enganarem”.

Faça os leitores perceberem que a narrativa é um jogo interativo entre narrador e leitor, e quando este último estiver mais familiarizado com a história poderá participar mais à vontade desse jogo de adivinhações. Ao final da conversa, proponha à turma esta brincadeira: retome as personagens do livro e estimule os alunos a fazerem as próprias suposições sobre cada uma delas. Sugira-lhes que respondam às três perguntas que o narrador faz no início do texto:

- “Quem é?”
- “O que faz?”
- “De que gosta?”

Estimule os alunos a soltarem a imaginação. A atividade, depois, pode ser retomada na hora da produção de texto.

Outro aspecto essencial a se trabalhar com os alunos é a construção colaborativa entre texto e imagem. Conduza-os a notarem que o texto verbal e a ilustração dialogam entre si para a composição do sentido dessa narrativa e que, sem um desses elementos, ela perde o significado. Retome com eles alguns momentos em que isso é mais visível, transformando em perguntas os próprios questionamentos presentes na obra:

- “Quem é esse rapaz sentado no ônibus?” (p. 5)
- “Quem é essa moça sentada no parque com seu cachorrinho?” (p. 11)
- “E esse menino, sentado na primeira fila, com o braço levantado?” (p. 17)

Ajude-os a notar a expressividade desse aspecto dialógico texto-imagem no instante em que surge a personagem que o autor supõe ser uma pianista: “Mas, espere um pouco... Ela é assim forte?” (p. 30). O “assim forte” só pode ser compreendido com a ilustração da página ao lado, em que a personagem aparece levantando um piano. Na sequência, o narrador conta que Lilian – esse é o nome da moça – é diretora de uma fábrica de isopor; a ilustração que acompanha o esclarecimento sobre a identidade dela é bastante curiosa: aparece um funcionário, ao fundo, levantando uma pilastra de isopor, e ainda há pianos que complementam a imagem – também são de isopor, pois estão um em cima do outro. Espera-se que os alunos percebam que essa ilustração remete às anteriores, em que Lilian aparece levantando os halteres e, depois, o piano.

Conduza também os alunos a explorarem as imagens referentes à última personagem da narrativa, o próprio narrador, que aparece em cima de uma escada, na biblioteca, lendo, e depois em uma doceria. Eles podem notar a similaridade entre a ilustração da biblioteca e a da doceria – em ambas há prateleiras recheadas (no primeiro caso, de livros; no segundo, de doces) –, e o narrador-personagem em cima da escada, no primeiro caso fazendo uma leitura breve dos livros para poder escolher algum; e, no segundo, lendo os rótulos dos doces para se decidir sobre qual levar.

A última ilustração, na página 39, dialoga com a ilustração da capa – na capa, a face do homem não pode ser vista por inteiro; já na última ilustração, vemos a face do narrador-autor-ilustrador no espelho, quase que integralmente, como se estivesse complementando a ilustração da capa. Leve os alunos a fazerem suposições sobre isso: “O homem misterioso da capa seria o autor? Se sim, por que eles acham isso? Se não, quem seria a figura da capa? A imagem da capa poderia ser complementada pelos traços de cada um que lê o livro?”. Retome as inferências feitas antes da leitura.

É interessante que os leitores percebam que os trechos em que o narrador se caracteriza – alguém que ama livros e doces – e as ilustrações que os acompanham o auxiliam a

se tornar conhecido dos leitores. As informações do texto ficcional, nesse caso, são complementadas por aquelas presentes na biografia do posfácio. Nesse momento, os alunos podem inverter a situação e, tomando o autor como personagem, adivinharem outras coisas a respeito dele: “Além daquilo que o autor disse na biografia, como vocês acham que ele seja?”. Isso pode estimulá-los a fazerem pesquisas posteriores sobre Marcelo Cipis, e, assim, eles podem acabar encontrando o lado de artista plástico do autor.

Muitos outros detalhes das ilustrações podem ser explorados com os alunos. Ajude-os a perceberem que as imagens não só têm um papel descritivo nesse texto, mas também ajudam a construir a própria sequência narrativa e esclarecer os pensamentos do narrador – como ele imagina cada personagem. As imagens que descrevem as hipóteses do autor são bastante criativas – analise esse aspecto com os alunos.

Embora a história se volte a aspectos do cotidiano, a dimensão da fantasia está também presente no livro. Além de a imaginação ser explorada em todo o texto e as hipóteses do narrador a respeito das personagens serem bastante criativas, há o surgimento de um elemento inusitado nessa história – o panda. Retome com os alunos as páginas 22 a 27. Entre personagens que representam pessoas reais, do dia a dia, de repente surge um panda vestido de terno e trabalhando em um escritório!

Nesse momento, tem-se uma inversão da sequência construída pela narrativa. Se em relação às outras personagens a imaginação do autor cria aspectos fantásticos – como o sofá falante do menino “astronauta” –, aqui, a hipótese do narrador vai na contramão: ele acha que se trata de uma aposta entre colegas de trabalho e Amador, que teria perdido a aposta, precisou pagá-la indo trabalhar vestido de panda. Eis, então, a grande surpresa: o panda realmente é um panda, e, no final do expediente de trabalho, ele volta para sua gruta (como a ilustração da página 27 sugere), em que se lê a inscrição “Gruta doce gruta”, em vez da expressão mais conhecida “Lar doce lar”. Aqui o equívoco de julgamento do narrador é que ele faz uma aposta “realista” sobre quem é a personagem, mas acaba vencendo o aspecto “fantástico”. Explore isso com os alunos, deixando-os levantarem hipóteses sobre esse momento *nonsense* da narrativa.

## Linguagem

No aspecto da linguagem, **Quem és tu?** possibilita trabalhar um conjunto diversificado de questões, que enumeramos a seguir.

A primeira possibilidade já se apresenta no próprio título, que permite o trabalho com a conjugação verbal na segunda pessoa do singular e pode auxiliar na compreensão dos alunos sobre quem é essa pessoa do discurso – o interlocutor, aquele com quem se fala.

A atividade pode se expandir fazendo os alunos perceberem que, na linguagem do dia a dia, o “tu” foi substituído pelo pronome de tratamento “você”.

1. Reescreva o enunciado colocando o termo **você** no lugar do termo **tu**: “Quem é você?”.

Depois, explore com os alunos a mudança na conjugação verbal e explique-lhes que, embora o “você” também se refira à pessoa com quem se fala, o verbo “ser”, nesse caso, vai ser conjugado na terceira pessoa.

Outro aspecto que o livro permite explorar é a ortografia de palavras como **adivinhar**, **cozinha**, **cachorrinho** e **joalheira**, abrindo campo para trabalhar com a questão dos dígrafos. Há muitas palavras ao longo do texto que apresentam algum dígrafo. Comece levando os alunos a observarem a ortografia das quatro palavras aqui citadas.



2. Faça a separação das sílabas destas palavras: **adivinhar, cozinha, cachorro e joalheira.**

Os alunos vão perceber que os dígrafos – nh, ch, rr, lh, no caso – ficam em uma mesma sílaba. Leve-os a notarem que, embora esses dígrafos sejam formados por duas letras, eles têm um único som. Na sequência, promova uma espécie de “caça-palavras” na narrativa, atividade que pode ser feita em duplas.

3. Encontre no texto palavras com dígrafos.

Algumas delas: **quebrou, chama, alheia, essa, tamanho, bilhão**, etc.

## Bate-papo e pesquisa

Uma das questões levantadas durante a interpretação do texto foi a apresentação dos gostos e *hobbies* de algumas personagens. Por exemplo, Olívio gosta muito de ouvir *jazz*, e o filho dele, Jorge, é um grande colecionador de miniaturas de trens. O texto abre margem, portanto, para uma conversa sobre gostos musicais e atividades de lazer. Sugira aos alunos uma pesquisa, em grupo, sobre um desses dois tópicos, de acordo com a escolha de cada grupo.

Os grupos que escolherem falar de gêneros musicais podem fazer uma pesquisa a respeito de algum gênero escolhido, a qual será, depois, oralmente apresentada para os colegas. Sugira aos alunos levarem elementos visuais que sejam simbólicos em relação ao gênero musical – se for o *rock*, pode-se levar, por exemplo, uma guitarra de brinquedo, de papelão, ou mesmo apresentarem alguma música para a turma ouvir.

Os grupos que forem falar sobre *hobbies* podem, por exemplo, escolher pessoas do próprio convívio para entrevistá-las a respeito do que gostam de fazer nas horas vagas. Podem, ainda, explorar passatempos incomuns ou de pessoas públicas. Depois, deverá ser preparada uma apresentação em que os alunos mostrem os dados coletados aos colegas e façam observações a respeito dos *hobbies* apontados na entrevista e/ou levantados durante a pesquisa. Também é possível que levem para a aula objetos que representem esses passatempos.

Para deixar a atividade mais lúdica, a classe pode tentar adivinhar de qual gênero musical o grupo vai falar ou qual *hobby* será apresentado, com base nos objetos que os grupos levarem. As apresentações podem ser comentadas, posteriormente, pelo professor e pelos colegas, ampliando as discussões sobre os temas.

### Leia também

Vejam algumas sugestões de materiais que podem ajudar os alunos no trabalho com os gêneros musicais:

**Como usar música na sala de aula**, de Ferreira Martins. São Paulo: Contexto, 2001.

**Enciclopédia da música do século XX**, de Paul Griffthis. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

**Nova Escola** (revista) – música para aprender e se divertir, jun. 2004. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/131/musica-contribui-para-o-desenvolvimento-infantil>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

## Produção de texto

Apresentamos duas propostas de produção de texto, com gêneros textuais diversificados, que podem ser explorados com base na leitura de **Quem és tu?**

A primeira é a reescrita do conto: sugerimos, durante a interpretação do texto, que os alunos sejam incentivados a participarem do jogo de adivinhação que o narrador cria no livro. Essa atividade pode se desdobrar na reescrita de algum trecho do texto. Veja o passo a passo:

1. Solicite aos alunos que escolham alguma personagem com a qual tenham tido mais empatia. Direcione-os a reler o trecho da história em que a personagem aparece.
2. Estimule-os a usarem a imaginação e a criatividade para a elaboração de uma hipótese sobre “quem é a personagem”, à semelhança do que fez o autor.
3. Após a escrita, oriente-os na releitura do texto para que percebam se algo precisa ser alterado, no intuito de deixar mais claro o sentido.
4. Corrija os textos e faça sugestões de melhorias. Após a devolutiva, peça aos alunos para procederem à reescrita.
5. Depois de concluído o trabalho, os alunos podem ler os respectivos textos para os colegas.

A segunda proposta é a escrita de uma autobiografia: ao longo do trabalho interpretativo, foi sugerido que se dialogasse com os alunos, estimulando-os a falarem sobre as próprias características – do que gostam, o que fazem, etc. –, ou seja, que respondessem à pergunta-título da obra: “Quem és tu?”. Essa pergunta sugere uma reflexão que pode ser conduzida à produção de uma pequena autobiografia do aluno. A seguir, veja o passo a passo dessa atividade:

1. Proponha aos alunos que releiam a parte final da narrativa (p. 34 a 39), em que o autor fala de si próprio, bem como as seções “Sobre o autor” e “Sobre a obra”, ao final do livro. Esclareça-lhes que, quando alguém escreve a própria biografia, essa passa a se chamar autobiografia.
2. Com base no que foi explicado na atividade anterior, estimule os alunos a fazerem a própria biografia, que deverá ser escrita na primeira pessoa do singular, respondendo à pergunta do livro: “Quem és tu?”.
3. Sugira-lhes que, antes de escrever, anotem quais características eles querem ressaltar na respectiva biografia. Leve-os a pensarem em alguns tópicos: “Que características me definem?”; “Como é minha família?”; “O que eu gosto de fazer em meu tempo livre?”; “De que música eu gosto?”; “Quais são meus filmes e livros prediletos?”; “Como eu gosto de me vestir?”; “Que lugares eu gosto de frequentar?”.
4. Em seguida, eles devem procurar unir as respostas dessas questões em um único texto, que constituirá a autobiografia.
5. Peça-lhes que releiam o texto depois de finalizado para verificar a clareza e a coesão dele, melhorando-o caso seja necessário.
6. Corrija o texto de cada aluno e faça sugestões de melhoria; em seguida, solicite a reescrita.
7. Após essa atividade, pode-se fazer um varal na sala de aula com as autobiografias dos alunos.

## Fazendo arte

A atividade de produção artística pode ser complementar às atividades de produção de texto sugeridas anteriormente. Ilustrar o próprio texto, nesse caso, aproxima os alunos do trabalho do autor do livro, que também é o ilustrador da obra.

Se a atividade de produção escolhida for a reescrita do conto, peça aos alunos que ilustrem a própria descrição que fizeram da personagem, procurando imitar o autor – caracterizar a personagem conforme a imaginaram e apresentaram em seus textos, de modo que a ilustração complemente o sentido do texto escrito e auxilie na descrição. Chame a atenção dos alunos para o fato que o autor do livro explora bastante as cores, incentivando-os a fazerem desenhos bem coloridos, utilizando várias tonalidades.

Já se a atividade escolhida for a da autobiografia, os alunos devem ser convidados a fazer um autorretrato. É possível apresentar aos alunos quadros de vários pintores que fizeram seus autorretratos, de modo que eles percebam que o desenho não precisa ser fidedigno ao real, podendo abusar da criatividade e da imaginação.

Os alunos podem utilizar materiais diversificados na elaboração do desenho – lápis de cor, canetinhas, giz de cera e, até mesmo, tinta. O uso de tinta seria bem interessante na segunda atividade sugerida pela aproximação com a pintura do autorretrato, que ilustraria a autobiografia.

### Para saber mais

Os alunos podem – e devem – ir além nas reflexões acerca dos julgamentos precipitados e, como consequência, acerca do autoconhecimento. Para isso, algumas obras que tratam do assunto podem ser apresentadas a eles, atuando como estímulo à ampliação dessas reflexões.

**Eu sou assim e vou te mostrar**, de Heinz Janisch. Ilustrações de Birgit Antoni. Tradução de Hedi Gnadinger. São Paulo: Brinque-Book, 2017.

**A Zeropeia**. CD de Regina Souza sobre texto de Herbert de Souza. Biscoito Fino, 2009.

## Atividade interdisciplinar

Um trabalho que pode ser instigado da leitura do livro **Quem és tu?** é uma pesquisa sobre profissões. Professor, inicie a atividade incentivando os alunos a fazerem uma lista das profissões que aparecem na história (tanto as imaginadas pelo autor quanto as desvendadas *a posteriori*) e, em seguida, dialogue com eles a esse respeito, fazendo-os analisar as atividades práticas de cada profissão e a importância de cada uma delas para a vida em sociedade. Com base nesse primeiro diálogo, sugira para a classe uma exposição com esse tema.

Para que a atividade seja conduzida de maneira interdisciplinar, convide professores das diferentes áreas do conhecimento, que atuem na escola, mesmo os de outros segmentos, para acompanharem o trabalho de pesquisa e descoberta dos alunos. Dependendo das profissões escolhidas, organize os professores convidados como tutores dos grupos. Oriente os alunos em cada etapa a ser realizada:

1. Faça com os alunos uma lista de profissões; procure, nesse momento, contemplar ao máximo as sugestões que eles derem como forma de estímulo à pesquisa.

2. Sugira aos alunos que se organizem em grupos; cada um ficará responsável por pesquisar e desenvolver um trabalho sobre uma das profissões listadas.
3. A pesquisa deve ser acompanhada pelo professor, que deve pedir uma primeira versão do trabalho para poder orientar a etapa seguinte – que é a da exposição.
4. Organize a exposição com os alunos, incentivando-os a ajudarem na etapa de preparação do ambiente; utilize as próprias carteiras para montar os *stands* da exposição; os alunos podem elaborar cartazes e levar objetos que remetam à profissão que vão apresentar.
5. Os pais, os familiares ou responsáveis e outras turmas podem ser convidados a visitar a exposição e ouvir a apresentação oral dos alunos.

A atividade, além de estimular o trabalho em equipe, mobiliza o aspecto da organização e permite aos alunos desenvolverem a exposição oral, simulando situações com que eles podem se deparar ao longo da vida estudantil e mesmo em algumas atividades profissionais. Além disso, trará conhecimento para os alunos e certamente instigará projeções a respeito do futuro profissional escolhido. Professor, durante as pesquisas, procure orientar as discussões no sentido de incentivar o respeito às diversas atividades profissionais, sem construir nenhum tipo de hierarquia de valor social.

### Leia também

Seguem sugestões de livros que contemplam a leitura de imagens, auxiliam a percepção artística dos alunos e falam do universo do trabalho e da música, questões contempladas na obra **Quem és tu?**.

**Imitando as formigas**, de Rosicler Grudizien. São Paulo: Mundo Mirim, 2008.

Neste livro são feitas reflexões acerca da relação com o trabalho por meio da observação das formigas, insetos incansáveis.

**Cena de rua**, de Ângela Lago. Belo Horizonte: RHJ, [s.d.].

Este livro pode ser uma primeira aproximação, um primeiro contato dos pequenos leitores com o universo do texto jornalístico.

**O livro da música**, de Arthur Nestrovski. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

Arthur Nestrovski fala da magia do universo da música por meio da história de um menino que vai a um concerto pela primeira vez.

## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018. p. 109.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 1998.

\_\_\_\_\_. Ilustração em livros de literatura infantil. Disponível em: <[www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil)>. Acesso em: 16 abr. 2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2002.

- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2008.
- \_\_\_\_\_; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MACHADO, Ana Maria. *Contra corrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.
- PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- \_\_\_\_\_; RÖSING, Tania M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.